

Cruz Filho e sua Poesia

SÂNZIO DE AZEVEDO

No dia 29 de agosto de 1974 faleceu em Fortaleza o poeta Cruz Filho (José da Cruz Filho), pouco antes de completar noventa anos de idade, nascido que fora no dia 16 de outubro de 1884, em Canindé.

É largamente sabido que foi autodidata: tendo feito os primeiros estudos num colégio religioso da cidade natal, colégio do qual seria professor por vários anos, não chegou porém a cursar escola superior, e isso de modo algum o impediu de formar sólida cultura humanística, o que o credenciaria mais tarde a, residindo na Capital, exercer o magistério, como professor de Português e de Literatura no Liceu do Ceará. Mas haveria de obter fama como historiador, ensaísta e, sobretudo, como poeta, dos mais notáveis que produziu o Ceará.

Ainda no interior do Estado, aos 19 anos de idade, ingressou no jornalismo, da maneira mais brilhante: fundando, com Tomás Barbosa e Augusto Rocha, *O Canindé*, em 1903; era o primeiro periódico que circulava naquela cidade! E nesse jornal, sob o pseudônimo de Climério Várzea, publicaria inúmeros sonetos que pouco mais tarde repudiaria. Colabora em 1911 no *Correio de Canindé* e, a partir de 1913, pontifica n' *A Imprensa*, como um de seus mais destacados redatores; surgem aí vários dos poemas que iriam firmar seu nome entre os nossos grandes cultores das Musas.

Transferindo-se para Fortaleza em 1918, aqui chegaria já aureolado por um invejável renome literário. É que sua atividade na imprensa não se restringira à cidade natal: as revistas *Fortaleza* (1906), de Joaquim Pimenta, Mário Linhares e outros, e *Terra da Luz* (1908), ainda de Joaquim Pimenta, bem como jornais fortalezenses da época estamparam não poucas das suas produções poéticas.

O que talvez poucos saibam é que por esse tempo eram publicados versos de Cruz Filho no *Album Imperial*, de São Paulo. Entre outros, destacamos “O Sonho de Teseu”, datado de 1907, que o periódico paulista estampou no dia 20 de agosto daquele ano, na página 16 de seu Suplemento Literário:

*Sob o régio dossel, tombado, ao pé dum plinto,
Nos braços de Laís — o Sensualismo cego
Que a Diógenes roubou este prolóquio grego:
“Nem a todos é dado ir visitar Corinto”,*

*Dorme Teseu de Helade ao cálido conchego,
Da orgia colossal no turbilhão extinto:
Gregas nuas, a arfar, rolam pelo recinto,
E ele sonha, a rugir, num monstruoso ofego:*

*— Da Grécia os esquadrões vão invadindo o Elêusis...
Ressoa um trovejar de homéricas refregas;
Depois, um turbilhão de ensanguentados Deuses*

*Transpõe, aprisionado, o extenso campo limpo...
E sob o matagal das altas lanças gregas
Vem ressoando o tropel dos Imortais do Olimpo...*

Note-se neste poema a pura dicção parnasiana, através da correção métrica, do requinte das rimas raras, do tema de extração mitológica e, mesmo, de certa impassibilidade marmórea que situa o autor fora da cena descrita, não obstante penetrar ele no sonho do celebrado Herói. Assinale-se que este soneto aparecia ao mesmo tempo em que, no jornal *A República*, de Fortaleza, começava Alf. Castro a estampar seus pri-

meiros sonetos realmente parnasianos, com visível influência de Heredia, com o que podemos dizer que se iniciava o Parnasianismo cearense.

Trata-se porém de poema da mocidade, posteriormente desprezado pelo poeta; não deixa de ser digna de nota, entretanto, a segurança com que, ainda no Canindé, aos vinte e poucos anos, Cruz Filho já trabalhava o verso alexandrino, obtendo assim o prestígio de figurar com destaque em periódicos do Sul do País.

Dir-se-ia que o poeta, iniciando-se tão auspiciosamente em jornais e revistas, logo iria lançar um livro de versos, pagando assim um tributo à sofreguidão da juventude, ontem como hoje ávida de glória e temerosa do ineditismo. Mas tal não se deu: pontificando num meio em que brilhavam os nomes de Antônio Sales, Alf. Castro, Soares Bulcão, Quintino Cunha, Carlos Gondim, Júlio Maciel, Mário Linhares, Otacilio de Azevedo e muitos outros, todos com livros publicados, Cruz Filho continuava burilando seus versos, incansável e pacientemente, o que levou Antônio Sales a escrever, em 1922: "Cruz Filho é um fino espírito de esteta, apóstolo da perfeição, mas cuja obra, meditada e polida, guarda a simplicidade e a emoção que escondem ao leitor o esforço paciente do artista. Sempre hesitante em dar seus versos em volume, o poeta, de uma excessiva exigência consigo mesmo, cada dia diminui o número das composições que devem formar seu livro de estréia, cuja publicação adia sempre, resistindo às solicitações dos amigos." (1)

O certo é que somente em 1924 (há cinqüenta anos, portanto) eram lançados à publicidade os seus *Poemas dos Belos Dias*, que haveriam de definitivamente consolidar o nome de Cruz Filho entre os de nossos maiores poetas, em todos os tempos.

Contava o poeta então 40 anos, mas já antevia o chegar da velhice que, premonitoriamente, se lhe apresentava agravada pela solidão: como no soneto "A Canção da Cigarra", um dos mais belos e sentidos poemas de quantos escreveu:

1) Antônio Sales. "O Ceará Literário", In *Almanaque do Ceará*. Fortaleza, Tipografia Gadelha, 1922, p. 451.

*E a velhice aí vem. Vem com os seus frios,
Com o seu tristonho, o seu brumoso inverno,
E os céus, que eram azuis, ficam sombrios,
Desfaz-se o tempo, que eu supunha eterno!*

*Flavos dias de sol, quentes estios,
Brando enlevo romântico e superno,
Que eu cantando passei — ei-los vazios,
Meus castelos de Sonho — ao vir do inverno!*

*Consumi, na loucura mais bizarra,
Chamando embalde uma perpétua ausente,
Minha existência inútil de cigarra!*

*Paixão maldita! Desvairado anseio
Da cigarra, que invoca, inutilmente,
A doce companheira que não veio! (2)*

Aí está o lírico de forma impecável, mas de sentimento algo romântico, razão por que, em relação a poemas como este, somente poderemos falar em Parnasianismo se atentos àquela faceta do Parnasianismo brasileiro, que deu obras-primas como “As Pombas”, de Raimundo Correia, toda a “Via Láctea” de Olavo Bilac ou “Alma em Flor”, de Alberto de Oliveira...

O parnasiano ortodoxo, no sentido francês do termo, o que raras vezes tivemos na poesia brasileira (Cruz Filho mesmo afirmou certa vez que apenas Francisca Júlia da Silva em São Paulo e Alf. Castro no Ceará foram parnasianos legítimos), pode ser encontrado em poucos momentos desse livro. É o caso, por exemplo, do soneto “A Ilusão do Sapo”; o poema é dedicado precisamente a Alf. Castro e abre a parte do livro intitulada “Baixos-Relevos” e oferecida a Alberto de Oliveira:

2) Cruz Filho. *Poemas dos Belos Dias*. Fortaleza, Livraria e Papelaria Ribeiro, 1924, p. 35. (Esse soneto teve os tercetos sensivelmente alterados pelo poeta, anos depois.)

*Aos pinchos, pela sombra, indolente e moroso,
O batráquio estacou do fundo poço à borda,
E um momento quedou, como quem se recorda,
Surpreso ante a visão do poço silencioso. . .*

*Ao fundo, onde do céu, que de nuvens se borda,
Reflexa a imagem vê — pelo céu luminoso
Vê da Lua pairar o áureo disco radioso:
E o disforme animal de júbilo transborda. . .*

*Um momento quedou, mudo e preplexo. Ao centro,
A tentá-lo, a ilusão do astro de ouro flutua,
E o monstro eis que se arroja, a súbitas, lá dentro. . .*

*E a água convulsionou-se em círculos ondeantes,
Num naufrágio de luz, em que perece a Lua,
Dissolvida em rubis, topázios e diamantes. (3)*

Aí temos um *flash*, sem participação emocional do autor; veja alguém nesse sapo e nessa lua, respectivamente, os sonhadores impenitentes e os ideais inatingíveis; o poema comporta esta interpretação, sem dúvida, mas de nossa parte preferimos ver aí simplesmente uma cena captada de maneira realista, embora transfundida em verdadeira poesia, com incursões pela psique do réptil. Este soneto, tal como o reproduzimos dos *Poemas dos Belos Dias*, já está diferente de como havia figurado n'*A Imprensa*, de Canindé, aí por volta de 1913. Sofreria ainda várias modificações, quer ao figurar no livro *Poesia* (1949), quer ainda para ser enfeixado em *Toda a Musa* (1965). O poeta era um torturado em busca da perfeição artística, segundo deixou bem claro Antônio Sales no trecho que transcrevemos, e como bem o demonstrou Dolor Barreira, em sua *História da Literatura Cearense*, ao reproduzir três diferentes lições do soneto "A Alma da Árvore", primeiramente publicado na revista *Terra da Luz* (1908), depois nos *Poemas dos Belos Dias* (1924) e, posteriormente, na seleção de 1949.

3) Cruz Filho, *op. cit.*, p. 79.

Com nada menos de doze versos alterados, eis como o poeta deixou “A Ilusão do Sapo”, em sua forma definitiva, cuja cópia me entregou, semanas apenas antes de nos deixar:

*Aos pinchos, pela noite, hesitante e moroso,
O batráquio surdiu do grande charco à borda,
E quedou-se, a cismar, como quem se recorda
De algo que se esvaiu num passado brumoso...*

*Ao fundo, onde do céu, que de nuvens se borda,
Reflexa a imagem vê — pelo céu bonançoso,
Vê da lua pairar o esferóide radioso,
E o repulsivo ser de júbilo transborda...*

*Quedou-se, acaso, ali, todo perplexo. Ao centro,
A tentá-lo, a ilusão do orbe lunar flutua,
E ei-lo, que apresta o pulo e se arroja lá dentro!*

*E a água logo ondudou, entre chispas cambiantes,
Num naufrágio de luz, em que perece a lua,
Dissolvida em cristais, topázios e diamantes...*

Como ocorre com inúmeros outros poetas de seu tempo, laivos de Simbolismo podem ser encontrados ao longo da poesia de Cruz Filho: destaque-se, ainda dos *Poemas dos Belos Dias*, o soneto *Ignota Dea*, o qual, pela fluidez, pela profunda subjetividade, pela presença das maiúsculas alegorizadoras e mesmo pelo vocabulário (hora crepuscular, saudade outonal, ocíduos palores, Arcanjo, Visão etc.), onde está presente até o roxo, a cor predileta dos chamados nefelibatas, mais remete para a escola de Albert Samain (nominalmente citado no sexto verso) do que para a de Heredia. Basta, para comprovar o que afirmamos, a leitura dos dois quartetos:

*A hora crepuscular, quando a terra emudece
Na saudade outonal dos ocíduos palores,
Aprez-me muita vez, a alma enlevada em prece,
Ir ao fundo cismar dos jardins sem rumores...*

*E ali, enquanto no ar um sonho desfalece
E o Arcanjo de Samain passa ao longo das flores,
Eu não sei que Visão surge e desaparece
Na roxa indecisão dos vesperais lívocos. . .* (4)

Todavia, se quisermos, por motivos didáticos, classificar a poesia cruzfilhiana, em seu todo, teremos forçosamente que chamá-la de parnasiana, como parnasiana costumamos chamar a poesia de Olavo Bilac, apesar do sentimentalismo romântico de alguns sonetos da “Via Láctea” ou das notas simbolistas que povoam os alexandrinos e decassílabos da *Tarde*.

Mesmo porque não poderia desagradar o epíteto a quem, como ele, tanto admirou a famosa trindade da poesia nacional (Bilac, Raimundo e Alberto), cuja fotografia, já clássica, ornava sua parede, ao lado de outros retratos.

Em “Taça de Ambrosia”, parte do livro *Poesia* (1949) composta entre os anos de 1925 e 1936, encontram-se várias peças de cunho parnasiano, como “O Rapto de Andrômeda”, inegavelmente herediano:

*Andrômeda, a lirial filha de Cassiopéia,
Encadeada ao rochedo, aguarda iníqua morte
Às garras do dragão de horrendo e estranho porte,
Que faz perder a cor à princesa ceféia.* (5)

Também não foge à classificação o soneto “Leda e o Cisne”, que figura no mesmo livro, na parte intitulada “Lira de Orfeu”, escrita entre os anos de 1937 e 1948:

*À orla do lago azul, no recesso selvagem
Do bosque, onde mal se ouve indeciso marulho,
Leda agora surgiu dentre a crespa folhagem,
Na florida nudez que é de Tíndaro o orgulho.*

4) Idem, p. 54.

5) Cruz Filho. *Poesia* (Seleção de Poemas). Fortaleza, Imprensa Oficial, 1949, p. 54.

*Convida a solidão a um moroso mergulho
Na onda que ao sol se irisa e reflete a paisagem:
E a princesa pagã, num volutuoso arrulho,
Deita-se a meio na água, às carícias da aragem...*

*Mas eis que nada o Cisne, através dos caniços,
E logo, vendo-a ali, se aproxima e a corteja,
Projetando, em redor, seduções e feitiços.*

*Depois, alçando o colo entre flamas e brasas,
Sobe-lhe o oblongo ventre e, enquanto a amima e beiju,
Freme o bosque a um rumor de suspiros e de asas... (6)*

Aqui, recria o poeta a lenda grega, segundo a qual a bela esposa de Tíndaro teria sido visitada pelo próprio Júpiter (Zeus), sob a forma de um cisne; longe, porém, de ser uma descrição fria de um capítulo mitológico, o soneto irradia vida, através do clima de erotismo.

Mas o poeta não foi apenas um cantor de mágoas amorosas, ou um retratista poderoso de cenas reais ou imaginárias; preocupado com os destinos do homem, não poucas vezes ele sondou a própria alma, numa reflexão que busca entender os mistérios dos mundos físico e metafísico. De uma dessas lucubrações é fruto o soneto “Ciclogênese”, que reproduzimos de *Toda a Musa*:

*Quem sou? — Átomo eterno e indestrutível
Da protéica Matéria soberana,
Detido aqui, sob a figura humana,
— Simbólica expressão do Inexpressível.*

*De onde vim? — Do Absoluto incognoscível,
De que a forma ontológica promana
Pela imanência da Energia arcana
Que a conduziu da animidade ao nível.*

6) Cruz Filho. *Op. cit.*, p. 115.

*Parei agora, na ascensão superna,
Para te amar, bela mulher lasciva,
Com quem cheguei ao vértice do Ser.*

*E aonde vou eu, com esta fadiga eterna?
— Refluir à nebulosa primitiva
E com a Terra voltar, para sofrer. (7)*

Vê-se que ele acredita na soberania da Matéria, mas não deixa de aludir a uma Energia que seria, em suma, a alma; e não desdenha a hipótese (antes abraça-a) de uma metempsicose que, longe de lhe acenar com as mais doces esperanças, iria resolver-se em novas angústias, dentro de uma cosmovisão schopenhaueriana. O soneto reflete claramente uma dor existencial, de ordem filosófica, mas nele está presente também a Mulher, aquela mesma “doce companheira que não veio”, mencionada na “A Canção da Cigarra”...

Ao longo de sua obra, não encontramos um só poema que trate de tema circunstancial, ligado a um fato da atualidade do autor: se fala de seus amores, fá-lo de tal arte que, numa leitura redimensionada, seus versos cantam um sentimento eterno; se evoca as cenas mitológicas, está celebrando fatos que, por sua própria essência mítica, já se incorporaram ao patrimônio cultural da humanidade; os problemas filosóficos, estes é que podem mesmo retratar a angústia do homem, desde seu aparecimento como ser pensante, até à atualidade e aos dias porvindouros. Dir-se-ia que ao poeta, como aos mestres do Parnasianismo, de resto, nada diziam os acontecimentos contemporâneos.

Entretanto, um soneto, não aproveitado em livro, diz o contrário. Trata-se de “O Pesadelo do Kaiser”, publicado em um jornal que infelizmente não pude ainda identificar, pelo recorte que me ofertou o próprio poeta; dedicado a Rodrigues de Andrade, versa, evidentemente, sobre a Primeira Guerra Mundial, trazendo alusões ao Kaiser, Guilherme II, da Alemanha, e ao marechal Joseph-Jacques-Césaire Joffre, coman-

7) Cruz Filho. *Toda a Musa*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1965, p. 316.

dante-chefe das tropas francesas de 1914 a 1916 e vencedor da primeira batalha do Marne:

*Noite. Um divino luar doura os cimos brumosos.
Silêncio... O acampamento, em plena paz, descansa.
Paiam por sobre a Terra augúrios misteriosos...
Longe, troam canhões nas fronteiras da França.*

*Em sonho, a acompanhar os pelotões gloriosos
Do exército imperial, que na Curlândia avança,
O Kaiser queda a ouvir os clarins vitoriosos
E unge-lhe o fero cenho um clarão de esperança...*

*O exército fatal vai devastando a Terra,
Que, atônita, a seus pés, treme ao fragor da guerra...
Mas o rude teutão soluça, e ruge, e sofre...*

*É que ele vê do luar à luz dourada e estranha,
Num sopro de extermínio, invadindo a Alemanha,
As massas colossais dos esquadrões de Joffre...*

Incontáveis são os poemas de Cruz Filho que, a exemplo deste, jazem escondidos nas páginas dos periódicos do Ceará e de outros Estados; o poeta, em sua ânsia de perfeição, logo os desprezou, em favor de outros em que mais viva fosse a chama da perenidade. Mesmo porque, artista dos mais fecundos, o problema da quantidade jamais logrou antepor-se-lhe ao da qualidade. Inegável, porém, é que muitas dessas jóias desprezadas fariam figura em qualquer de nossas antologias, sem desdouro para o renome de seu autor.

Cruz Filho, seguindo suas propensões mas, acima de tudo, procurando aperfeiçoar mais e mais o instrumento poético, chegou a ombrear-se a quantos, em nosso País, se destacaram no cultivo do verso. Por isso, quando eleito, em 1963, Príncipe dos Poetas Cearenses, escreveu Jáder de Carvalho, nome exponencial do Modernismo cearense: "O título cresce em suas mãos. Honram-se e completam-se o poeta e o título. Faltava a Cruz Filho esta compensação numa vida inteiramente dedi-

cada à Poesia. Trata-se, por isso mesmo, de um prêmio. O Príncipe é tão alto quanto Alberto de Oliveira, poeta da sua maior afinidade. Apenas existe uma diferença entre ambos: Alberto viveu no Sul e tornou-se um vate nacional, com a ajuda do meio. Cruz Filho nasceu e envelheceu na Província. Seus versos, porém, voaram para outros céus. E com que asas!" (8)

Quem fosse visitar o velho aedo, mesmo em suas últimas semanas de vida, haveria de encontrá-lo curvado sobre os livros, lendo, lendo incansavelmente, quando não redigindo um ensaio ou reformando pacientemente um poema.

Otacílio de Azevedo, último remanescente daquela plêiade de poetas que habitam a coletânea *A Poesia Cearense no Centenário*, organizada por Sales Campos em 1922 (onde aparece ao lado de Cruz Filho, José Albano, Juvenal Galeno, Padre Antônio Tomás, Júlio Maciel, Carlos Gondim, Beni Carvalho, Antônio Furtado, Quintino Cunha e tantos outros), captou essa imagem do magno poeta, ao dizer, no primeiro quarteto do soneto "Glorioso Crepúsculo": *A persiana entreaberta aclarando a penumbra, / ou da lâmpada acesa ao palpitante brilho, / como quem novo Olimpo às páginas vislumbra, / vários livros folheia o Príncipe Cruz Filho.* (9)

É que o autor de "A Ilusão do Sapo", artista acima de tudo, levava a sério a Poesia, e embora nem sempre concorremos com as alterações a que submetia seus poemas, ele assim o fazia seguindo um incoercível impulso interior, na sagrada ânsia pela Perfeição. Não era dos que, apenas confiados na vocação, destorciam o significado do célebre conselho de Longfellow ("Olha para o coração... e escreve!"). Podemos dizer assim que perdeu o Ceará, com a morte de Cruz Filho, um dos maiores vultos de sua Literatura, em todos os tempos.

(Fortaleza, setembro de 1974.)

-
- 8) Jáder de Carvalho. "O Príncipe", *In Correio do Ceará*, Fortaleza, 15 de junho de 1963, p. 12.
9) Otacílio de Azevedo. "Glorioso Crepúsculo", *in Revista da Academia Cearense de Letras* n.ºs 32 e 33, Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1969, p. 108.